

LUGARES: estudo etnográfico e relacional do bairro nortista

Hilda Freitas SILVA

GT1 – Inter e Transdisciplinaridade na Educação

Resumo: Esse trabalho abarca a antropologia urbana. É um ensaio etnográfico e relacional do Bairro Nortista, situado na cidade de Jussara. O bairro possui a maioria dos moradores nascidos ou descendentes do estado do Rio Grande do Norte. Com o passar dos anos, o lugar agregou pessoas dos demais estados da região nordestina do Brasil, como também de outras regiões do país. A cidade fora distrito do Município da Cidade de Goiás até o ano de 1958. A cidade teve origem de aglomerado, resultado de migração nordestina nas primeiras décadas do século XX. Existe a predominância de História Oficial da cidade através de versão dos migrantes Baianos, contrapondo e/ou invisibilizando a fala dos nortistas, categoria local que identifica os potiguares. A discussão se caminha para pensar as experiências como construtoras dos lugares e de coesão social, assim pensa-se o Bairro Nortista de forma relacional, portanto, no movimento a outros lugares.

Palavras-chave: Etnográfico. Bairro Nortista. Lugares. Coesão social. Experiências.

Introdução

As discussões desse trabalho fazem parte do Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade, da Universidade Estadual de Goiás. Atualmente a sede do Grupo está situada no Campus da Universidade de Jussara. Por sua vez, esta pesquisa centra-se no bairro em sua configuração social, as relações de interdependência com a cidade de Jussara/Goiás e convivências que se estabelecem no lugar denominado Bairro Nortista. Casey (1996, p. 46) define lugar como um “substrato vazio no qual atributos culturais são fixados; ele é uma completa presença permeada com instituições e práticas constituídas culturalmente”. Desse modo, o Bairro Nortista é o lugar, a priori, de investigação para este trabalho.

Massey (2000, p. 185) diz que para existir a singularidade do lugar é necessário este se encaixe em relações sociais mais amplas que são também geograficamente diferenciadas. No caso do Bairro Nortista, há ligação a outros lugares, seja o Rio Grande do Norte ou outros

estados do Brasil. Outro ponto que demonstra singularidade para o lugar é o fato de que cada um é o centro de uma mistura distinta das relações sociais mais amplas com as mais locais; assim, as relações sociais deste bairro possuem características híbridas. Outro fato é de que essa mesma mistura em um lugar possa produzir efeitos que poderiam não ocorrer de outra maneira. Assim, o contexto social do Bairro Nortista possui peculiaridade e dinamicidade. Além disso, observa-se que todas essas relações interagem com a história acumulada de um lugar e ganham um elemento a mais na especificidade da história, ou seja, está relacionada a outros lugares.

Para contextualizar, trazemos o contexto da cidade de Jussara¹. Este é um município que tem a história oficial atrelada ao pioneirismo baiano, ou seja, há a valorização da versão desse grupo de pessoas que migraram para o território no decorrer da década de 1930, que posteriormente se tornou a cidade de Jussara. Entretanto, há no contexto de formação da cidade, outros grupos que não são (re)conhecidos como pessoas que permearam a formação do município junto aos baianos. Destarte, há uma história considerada “a verdadeira” e outras narrativas de memórias obscurecidas nesse processo.



Imagen 01: Fotografia da década de 1950. Na imagem está a Avenida Marechal Rondon e parte da Avenida Dalvo Garcia. Acervo: Maria de Lurdes Garcia Rebouças. Fotógrafo desconhecido.

Na fotografia acima está o lugar que atualmente é o centro da cidade. Nele foi instalada a Igreja Matriz Católica, sendo atualmente o centro da cidade e o ponto forte comercial da cidade. Mais abaixo desse ponto está o Bairro Nortista. O referido bairro era um

¹ Segundo o último censo (2010) do IBGE, o município possui 19.153 mil habitantes.



lugar, inicialmente, fora do centro social e cultural estabelecido, mas que atualmente possui outra visão.

Essa polarização entre os estabelecidos e os outsiders² culminou que as pessoas se organizassem inicialmente em espaços separados, ou seja, o Bairro Nortista tem sua relação atrelada à história oficial, mas a polarização ocorreu, sendo visível inclusive aos lugares que as pessoas ocuparam. Com o tempo, esses espaços demarcados sofreram borramentos e embaçamentos culturais³ devido o próprio movimento que existe através da sociabilidade e cultura, modificando a visão do bairro. Os lugares inicialmente demarcados simbolicamente e espacialmente foram ressignificados e reinventados⁴.

Os moradores do Bairro Nortista são pessoas, em sua maioria, do Rio Grande do Norte, que com o passar do tempo agregaram pessoas de outros estados nordestinos. É identificável que em Jussara os Baianos possuem um prestígio pela oficialidade histórica estabelecido no município e por isso seus lugares tornam-se destacáveis politicamente institucionalmente e individualmente na cidade. O desafio é compreender as mudanças ocorridas do início da vila, da formação de cidade, como também do processo de transição de outsiders para estabelecido do Bairro Nortista. Isso é dito, pois se vê que a mudança de visão para o bairro acontece devido à movimentação do próprio bairro e do aumento de moradores da cidade.

Entre polifonia e polissemia: representação em questão

Polifonia vem do grego e significa “muitas vozes”. Polissemia também tem origem grega, que significa "algo que tem muitos significados". Nesse sentido, pensa-se a compressão do tempo e espaço⁵ e sua aceleração do tempo atual que Massey Dorey (2000) pontua e Tuan (1983) complementa quando diz que lugar é pausa no movimento. Por isso, o lugar é entendido como algo apropriado e de significação pessoal ao indivíduo e coletivo.

² Categorias que Norbert Elias e John Scotson utilizam a hierarquia social e cultural existente na prática.

³Conferir Gupta e Ferguson no que se refere a “borramentos e embaçamentos culturais”.

⁴Conferir Roy Wagner no que se refere “a reinvenção cultural”.

⁵Massey Dorey diz que a “compressão do tempo e espaço refere-se ao movimento e a comunicação através do espaço, à extensão geográfica das relações sociais e a nossa experiência de tudo isso”. (2000, p. 178)



Dessa forma, consideram-se as experiências urbanas como forma de constituição no espaço e no tempo. Com isso, chegam-se aos objetos e à instituição familiar e fraternal, representadas experientialmente no Bairro Nortista. Logo, comprehende-se a sociabilidade como forma de continuidade, de referência ao ser humano e de lugares de memória, onde a “artes de fazer” (Certeau, 1996) perpassa as experiências.

Cita-se o exemplo do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro como instituição hegemônica que enfatizou objetos oficiais e de grupos poderosos, no intuito de legitimar poderes. Contrapondo-se a isso, há a descentralização desse olhar, para uma valorização plural, onde lugares de memórias como bem cultural⁶ ganham possibilidades de visibilidade antropológica atual. Para isso, percebe-se o estudo dos usos e costumes do Bairro Nortista, como forma de (re)conhecer o plural, numa representação mais imediata e sem “atravessadores” (TAMASO, 2006. p. 270). Assim, atenta-se para a polifonia e polissemia existente no social; mas, em contrapartida, há uma memória que permeia o social, a qual se torna poder de coesão do grupo e de experiências evidentes antropologicamente.

Abaixo algumas fotografias demonstram o ato de construir, destruir e reconstruir os lugares, tornando-os lugares de memória. Aqui está em foco a polifonia e polissemia, ora representada, ora “atravessada” na objetificação no singular.



Figura 02. Famílias nordestinas, se reunindo em uma celebração religiosa (Católica) no marco inicial da então Colônia de Água Limpa, a partir de 1958, cidade de Jussara/Goiás. Fotografia de data aproximada a década de 40 ou 50. Acervo particular: Fotógrafo: Desconhecido.

⁶Tamaso (2006, p. 246) diz que “bem cultural” se refere “além do seu valor utilitário, a ênfase recai sobre o valor simbólico”.



Figura 03. Destrução de Igreja Católica, para construção de uma nova Igreja. Obs: no mesmo lugar da foto anterior. Fotografia da década de 1970. Acervo particular: Fotógrafo: Desconhecido.



Figura 04. Senhor Estevão Fernandes Rebouças. Acervo particular: Hilda Freitas Silva. Em Agosto/2014.
Fotógrafo: Hilda Freitas Silva.

Esse é o monumento em referência a uma única pessoa oficialmente pioneira, assim é a materialização da história da cidade de Jussara/Go em praça pública. Portanto, é um lugar de memória oficial na/dá cidade de Jussara. Ressalte-se o fato de que todas as fotografias foram feitas no mesmo lugar em tempos e representações diferentes. Outros lugares de memória são o Bairro Nortista e Bairro Goiás, onde há um processo histórico comum na formação do município, mas sem monumentos em praça pública.

Tamaso coloca que a “Cruz não é representada pelo que significa para a história oficial, para o patrimônio nacional ou para a revisão historiográfica [...] mas sim pelo agente que se lembra” (TAMASO, 2006, p. 270). Analisando esse contexto de símbolos e ressignificações, no dia 27 dezembro de 2015, sentada na praça pública, olhando para o monumento em questão, uma criança de aproximadamente 03 anos passa com a família e diz “Olha lá vovô, é o senhor”. A referida família não tem nenhuma relação com o pioneiro ou

com sua família, mas a criança busca uma identificação de sua história através da suposta representação de seu avô no monumento existente.

O ato de “lembrar”, que Tamaso se refere, pode ser também dito como forma de identificação do sujeito. Considere-se o contexto de reinvenção e de movimentos sociais e culturais existentes na cidade, que busca naturalmente uma representação de si na história. Averiguou-se que as representações existem, mas de formas diversificadas, mas ao mesmo tempo, naturalizadas, ou seja, as histórias são resgatadas das memórias em pleno ato de ressignificação, em que os objetos constituem o ser humano, são recontadas, não reconhecidas pelos demais como pioneiras, e naturalizadas pela imposição de uma história fixa sobre o pionero.

Por outro lado, entende-se que as casas são lugares de memória em efervescência, onde na lembrança se institui desejos e mudanças (in)conscientes. Pondera-se que quando há os objetos “atravessados” e/ou objetificado, esses são de forma controlada pelos gestores; assim, a realidade não “museificada” proporciona ver os objetos e pessoas em pleno estado de potencialidade de simbologia, representação, uso e sociabilidade. Neste ponto, o Bairro Nortista, interage, (trans)forma e é um lugar de emergência experiencial. Com isso, repensamos os usos e costumes e seus significados afetivos, como forma de tentar compreender o que é consolidado e o que é fragmentado nas experiências. Com isso, vê-se que a memória de cada pessoa é importante para compor a história das famílias/grupo, e estas constroem a história de um lugar.

No caso pesquisado por Tamaso (2006, p. 257) nota-se que com a “enchente que ao levar, traz” aponta uma série de questionamentos acerca da representação da Cruz do Anhanguera, após este acontecimento. No caso de Jussara, a representação do pionero, aponta uma fixidez no caráter “questionamento”, pois não há enchente literal que abarque o monumento. Entretanto, para a pessoa com o olhar mais crítico e talvez sensível, o dispositivo filosófico de uma criança dizer que aquele monumento “é o avô”, talvez seja o “gatilho acionado” para repensar tudo que se vê e o que não se vê.

Essa aparente⁷ fixidez aponta para um caráter elitista que firma o exposto nos sites oficiais da Prefeitura, sendo este base informacional para o histórico textual apontado no IBGE. Mas no mesmo site do IBGE, no campo de especificidade de origem do morador *em*

⁷Aparente, pois a cultura é dinâmica, ou seja, a população se reinventa, tornando a eficiência do controle questionável.

números, já demonstra a pluralidade de estados, sem uma transposição textual para o campo do site “Histórico de cidades”. Percebe-se que a diversidade histórica permeia a naturalização da construção dos lugares, atrelada a objetificação em uma pessoa e as demais não são representadas oficialmente, mas existem, se movimentam e tem experiências que são visíveis no lugar. Por isso, aqui se questiona o contexto de representação através da demonstração dos lugares do Bairro Nortista, com a relação para outros lugares, com as pessoas se movimentado.

Narrativas: casas, gênero e hábitos

O “lugar” é humanizado e humanizante (Malpas, 1999), nesse sentido considera-se que as moradias conurbadas no Bairro Nortista – moradias que tem ligação/abertura entre os lotes, para que as crianças passem de um lote para o outro sem necessitar de passar pela rua – é uma das especificidades que confirma o exposto pelo autor. O interessante que em uma casa no Bairro Nortista, isso é feito tendo a necessidade de uma terceira casa/moradores, de ceder parte de seu lote para fazer essa ligação. Isso representa um desprendimento à posse do terreno (parte do lote) em favor da criança que ali transita e dos valores culturais que ligam as famílias, culminando em experiências que favorecem a coesão do grupo. Este exemplo do objeto supracitado é a prática do que Park (1979, p. 29) diz: a “cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam”. O autor ainda pontua que “É a organização da cidade que primeiro nos impressiona por sua vastidão e complexidade visíveis. Mas, não obstante, essa estrutura tem suas bases na natureza humana, de que é uma expressão” (Park, 1979, p. 29).

A casa é uma expressão no viés de apropriações simbólicas pelos atores locais e os objetos tornam-se significativos por sedimentar fatos oriundos da experiência em que a sociabilidade do bem cultural acontece. Sabe-se que existe o processo de “patrimonialização” oficial ou institucionalizado, mas nem tudo que se passa por este processo pode se pensar em “velhos objetos, com novos olhares”. Mas esse atrelado ao bem cultural que Tamaso (2006) aponta e o bem patrimonial como prerrogativa política institucional.

Explorando os bens culturais, o Bairro Nortista, possui número considerável de bancos fixos em frente as casas, como também o hábito de colocar outras cadeiras em frente a casa

para conversar. Há também casas (obs: no plural) dentro de um mesmo lote (um muro para todas as casas), há situações de casas num mesmo lote sem muros. O que se percebe é que essas residências em um mesmo lote são de pessoas da mesma família e/ou de amigos, que quando fazem o muro em volta é no intuito de garantir sentimento de segurança, mas também não deixando de lado a sociabilidade do contato sem obstáculos entre suas famílias e amigos.

E no caso de casas sem muros, nota-se que o quintal torna-se um lugar intenso de sociabilidade entre os moradores desse aglomerado de casas, mas também dos vizinhos que cercam esse conjunto de casas. Em ambas as configurações, “casas com e sem muros”, geralmente são pessoas com idade mais avançada e permeia esta sociabilidade coletiva para os filhos, netos e amigos que o rodeiam. Nesse sentido, vê-se que nessas casas há uma coesão maior do grupo e as memórias são intensificamente ressignificadas. Em uma entrevista feita, foi percebido também o respeito entre as crianças e as pessoas do Bairro: o infante trata o adulto conhecido pela família, como parte de sua família, tendo o hábito inclusive de “pedir bênçãos” e o adulto o “abençoado”⁸.

Em complementação ao hábito em Jussara, é recorrente ouvir a história que a cidade “era um bom lugar para se viver, pois aqui havia água e eram fartas as plantações”. A história é atrelada a questão alimentar. Em uma conversa com um casal de morador, o morador Antônio Barbosa repetiu essa versão, sua esposa interrompeu e disse: “Aqui não era bom não... lembra que o João (filho do casal) morreu à mingua?!”. Nessa fala, fica evidente o posicionamento e a reflexão de uma mulher, que por vezes não é considerada. Sua entonação de voz da mulher aponta o desejo de reconhecimento de si, de seu filho que nascera e poucos dias morrerá.

Dessa forma, vemos o questionamento de invisibilidade de gênero, em que para uns a questão do alimento já era fator positivo e de justificativa suficiente para se viver na vila, em contramão a questão da dor da mãe que perdera o filho era trazida pela memória. Assim, concordamos com Park (1979) quando ele indica um programa de estudo da vida urbana (p. 28), que pelo contexto teórico, é possível dizer que é necessário ir além do jornal, ou seja, além do que descrito para o leitor.

⁸Hábito cristão familiar ainda visto no Bairro Nortista entre amizades “antigas”.

O desenvolvimento desta especificidade conduz a fala de José de Arimathea⁹ em relação à morte: “a família ficava triste, entretanto, o nordestino em geral, estava acostumado com a morte e que goiano tem mais amor aos filhos”, ele diz que enterrava a criança e o homem ia “beber uma pinga no bar e que mais tarde saberia que teria mais filhos...”. A mãe da criança ia para casa após o enterro. Destaca-se que este Bairro é atualmente o Bairro que mais tem Bar na cidade e tem o Cemitério da cidade. Em relação aos bares, há uma aglomeração considerável de frequentadores de diferentes lugares nos bares do Bairro Nortista, principalmente nos finais de semana e feriados. Durante a semana, os bares são frequentados por moradores do bairro, geralmente homens mais velhos e/ou outros senhores que permearam experiências naquele bairro na juventude.

Em relação a objetos dos moradores podemos citar o seguinte caso: foi perguntado para o casal a existência de objetos que eles consideravam importantes e que eles se lembravam do Rio Grande do Norte. O senhor Antônio, demonstrou uma espécie de carrinho de mão, que ele colocou em frente à casa, que em sua narrativa disse que trouxe a pé do Rio Grande do Norte para a vila, por volta da década de 50. Abaixo está o senhor Antônio com o objeto e também com José de Arimathea, outro nortista.



Figura 05. Senhor Antônio Barbosa com José de Arimathea (da esquerda para direita). Acervo particular: Hilda Freitas Silva. Em Agosto/2014. Fotógrafo: Hilda Freitas Silva.

A esposa não quis tirar foto e entrou em casa. Antes de entrar ela disse que tinha algumas cartas e anotações que guardava, mas que não lembrava onde estava. Isso remete ao texto de Pierre Bourdieu, pois ele aponta de forma determinista os lugares entre homem e

⁹Fala de 2003 de José de Arimathea, historiador, nascido no Rio Grande do Norte e morador do Bairro Nortista em Jussara/Go. Essa narrativa é recontada constantemente em falas informais ou não.



mulher. Ficou reafirmado a situação que Bourdieu demonstra que “o homem é a lâmpada de fora, a mulher a lâmpada de dentro.” (p. 89)

Em uma perspectiva relacional, outro bairro que permeou essa história seminal da cidade foi o Bairro Goiás, vizinho do Bairro Nortista¹⁰. Uma das fronteiras naturais entre os Bairros é o *Córrego Molha Biscoito*. Há narrativas de que este córrego, com águas rasas e contínuas, leva esse nome devido às pessoas passarem lá “a pé” no meio do córrego (Obs: nas décadas de 1930 a 1950 não tinha ponte) carregando biscoitos em suas capangas. Na experiência de atravessar, encostavam as capangas nas águas, molhando o biscoito. Nota-se aí a ligação antropológica do alimento ao lugar.

Nesse Bairro também houve 02 (dois) cabarés (casas de prostituição) na última rua que faz fronteira entre o Bairro Goiás e Bairro Nortista. Essas casas eram famosas na cidade e região, sendo que há muitas histórias de brigas e mortes naquele lugar. Destaca-se que esta rua é ainda uma das ruas com casas mais tradicionais do Bairro. Evidencia-se que a rua das casas de prostituição ficava abaixo das ruas dos bares. Atualmente, só existindo os bares. O crescimento da cidade ocorreu do lado oposto ao Bairro Nortista. Vê-se que a sociabilidade no transcorrer do tempo e espaço, favoreceu a transição de outsiders para estabelecido.

Considerações finais

A movimentação do Bairro Nortista torna-se símbolo vivo e em movimento contínuo com outros lugares. Sabe-se que o monumento em homenagem ao pioneiro, em praça pública é forte simbolicamente. Mas ora em momentos silenciados, ora em propulsão, a ação do cotidiano do Bairro Nortista manifesta a representação e apropriações plurais continuamente. Desse modo, a ação humana, portanto em movimento, extrapola as fronteiras que em determinado momento foi estabelecido. A legitimidade do símbolo em praça pública começa a ser questionada pelo próprio movimento de alteridade. Consideremos que com o passar dos tempos à sociabilidade do Bairro e as pessoas em suas experiências, nos lugares, forçou a transição de um bairro marginalizado para um Bairro ativo e reconhecido socialmente.

Outro fator também que influencia no novo olhar para o Bairro Nortista, é o fato de outros Bairros terem surgidos após este. Nota-se a reinvenção da imagem do Bairro Nortista

¹⁰Outros lugares que os migrantes se fixaram foram à parte central da atual cidade (do lado do Bairro Nortista) e o Bairro Goiás. Dessa forma, esses lugares passaram por processos históricos semelhantes e/ou comuns. Por isso a etnografia relacional a esses lugares.

foi feito dentro dele próprio, como também a visão de outras pessoas para com o Bairro. Pessoas essas que não são os baianos. O Bairro Nortista não é associado oficialmente a um bairro de pessoas pioneiras, mas devido a festas, o tempo que se passou e demais pessoas que chegaram a Jussara e ao Bairro Nortista, é possível compreender a nova visão do bairro para os demais moradores da cidade, como não sendo mais marginalizado.

Nesse sentido, comprehende-se que esse trabalho desenvolve metodologia para identificar a pluralidade a caminho de preencher ou reconhecer uma lacuna antropológica (esquecimentos e silêncios) que existe na cidade de Jussara. Portanto, este se constitui como dispositivo para repensar os lugares, as naturalizações que existem socialmente, e apontar especificidades cotidianas de experiências que emergem.

Referências

- ARANTES. Antonio. A. 2000. **A guerra dos lugares**. Paisagens Paulistanas: transformações no espaço público. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial.
- BOURDIEU, Pierre. 2002. A casa ou o mundo ao contrário. In: **Esboço de uma teoria da prática**. Oeiras: Celta Editora.
- CASEY, Edward S.. 1996. How to get from space to place in a family short stretch of time. In: FELD, Steven; BASSO, Keith (Orgs.) In: **Senses of place**. Santa Fé, Novo México: School of American Research Press, p.13-51.
- CERTEAU, Michel de. Práticas de Espaço. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes.
J. E. MALPAS. Place and Experience. A philosophical topography. Cambridge: Cambridge University Press.
- PARK, Robert. 1979. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara.
- TAMASO, Izabela. Acrúz do Anhanguera: representações, experiências, memórias, patrimônio. In: FRÙGOLI JR., Heitor; ANDRADE, Luciana T. de; PEIXOTO, Fernanda A. (orgs.) **A cidade e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte/São Paulo: PUC Minas/Edusp, 2006, p. 245-273.
- TAMASO, Izabela. Etnografando os sentidos do lugar. In: TAMASO, I.; LIMA FILHO, M. F. (Orgs.). **Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos**. Goiânia/Brasília: Ed. UFG/ABA, 2012.



XIV SEMANA DE LETRAS
XVI SEMANA DE PEDAGOGIA
II SIMPÓSIO DE PESQUISA E EXTENSÃO (SIMPEX)

TAMASO, Izabela. Pedras e lampiões: marcos da fronteira do patrimônio mundial. In: ROSAS, M. TOBAR, J. E ZARATE, Alberto (Orgs.). **Arte y patrimonio cultural:** inequidades y exclusiones. Calca: Editorial Universidad del Calca, 2011.

TAMASO, Izabela Maria. **Por uma distinção dos patrimônios em relação à história, à memória e a identidade. Polifonia do Patrimônio/(Organizadores) Zueleide Casagrande de Paula, Lúcia Glicério Mendonça, Jorge Luis Romanello.** – Londrina: EDUEL, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WIRTH, Louis. 1987. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. (Org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.